



**A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO DE MOVIMENTO *IR*
NA FALA CAPIXABA: O COMPORTAMENTO DOS FATORES
EXTRALINGUÍSTICOS**

**THE VARIABLE REGENCY OF THE MOTION VERB *IR* IN THE
CAPIXABA SPEECH: THE BEHAVIOR OF EXTRALINGUISTIC
FACTORS**

Bárbara Gomes Citéli¹

Leila Maria Tesch²

RESUMO:

Baseando-se nas abordagens teóricas propostas pela Sociolinguística Variacionista, este estudo consiste na análise da variação entre as preposições regentes do verbo *ir* com sentido de movimento *a*, *para* e *em*, presentes na fala de moradores da cidade de Vitória, localizada no estado do Espírito Santo. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram analisadas quarenta e seis entrevistas que compõem a amostra PortVix “O português falado na cidade de Vitória”. Inicialmente, consideramos as hipóteses de que este fenômeno não ocorre de maneira aleatória e que a preposição *em*, forma considerada não-padrão pelas gramáticas normativas, ocorre com maior frequência nos dados de fala, visto que esta preposição está sendo usada cada vez mais pelos falantes da língua portuguesa. Diante destas questões, procuramos investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para que essa variação ocorra, analisando estatisticamente os dados através do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e, posteriormente, comparando os resultados obtidos com os de pesquisas realizadas sobre o mesmo fenômeno com diferentes amostras do Português Brasileiro. Os resultados mostraram que a preposição *para* é a mais utilizada como regente do verbo de movimento *ir* pelos informantes da comunidade de fala capixaba, seguida das preposições *em* e *a*. Cabe salientar que o presente estudo colabora para as discussões sobre a variação presente na regência do verbo de movimento *ir*, pois lança novas discussões sobre tal fenômeno na comunidade de fala capixaba e compara sua atuação em diferentes partes do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista; Regência do verbo *ir*; Fala capixaba.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Vitória/Espírito Santo. E-mail: barbara.citelli@hotmail.com

2 Professora Adjunta II, do Departamento de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Vitória/Espírito Santo. E-mail: leilatesch@gmail.com



ABSTRACT:

Based on the theoretical approaches proposed by Variationist Sociolinguistics, this study consists of the analysis of the variation among the regent prepositions of the verb “ir” with the meaning of movement “*a, para e em*”, which are present in the talk of residents of the city of Vitoria, located in the state of Espírito Santo. For the development of this research, forty-six interviews were analyzed that make up the sample PortVix “Portuguese spoken in the city of Vitoria”. Initially we consider the hypothesis that this phenomenon does not occur in a random way and that the preposition “*em*”, considered a non-standard form by normative grammars occurs more frequently in the speech data, since this preposition is being more and more used by the speakers of Portuguese language. Due to this, we try to investigate which linguistic and extralinguistic factors contribute to this variation, by statistically analyzing the data through the GoldVarb X computer program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) and later we compare the results obtained with the research carried out on the Same phenomenon with different samples of Brazilian Portuguese. The results showed that the preposition “*para*” is the most used as the main regent of the verb of movement “ir” by the informants of the Speech Capixaba community, followed by the prepositions “*em*” and “*a*”. It should also be noted that the present study contributes to the discussions about the phenomenon of variation in the regency of the verb of movement “ir”, because it launches new discussions about this phenomenon in the capixaba speaking community and compares its performance in different parts of Brazil.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistic, Regency of the verb “ir”, Capixaba Talk.

Introdução

Este estudo tem por finalidade analisar a variação entre as preposições *a, para e em*, na regência do verbo *ir* com sentido de movimento, na fala capixaba, através de dados que compõem a amostra PortVix - O português falado na cidade de Vitória -ES.

O presente estudo se justifica devido ao seu propósito de preencher uma lacuna nos estudos sobre a regência do verbo de movimento *ir* no Espírito Santo e na ampliação da descrição do português brasileiro.

Os estudos até o momento realizados pelo Brasil sobre a variação do fenômeno em tela, em diferentes amostras, têm se mostrado muito importantes, como a pesquisa de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996), com participantes do Rio de Janeiro, o estudo Vallo (2003), na fala de João Pessoa e de Wiedemer (2008), com dados de fala de Santa Catarina.

Preocupamo-nos, neste trabalho, em identificar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam na variação da regência do verbo *ir*, para investigar em quais contextos ocorre variação das preposições *a, para e em* como regentes dese verbo e quais favorecem ou inibem o uso dessas variantes.

Em seguida, buscamos comparar os resultados deste estudo aos de outras pesquisas da mesma linha realizadas em outras regiões do Brasil, que tratam, também, da variação entre as preposições

a, para e em como regentes do verbo de movimento *ir* (VALLO, 2008; WIEDEMER, 2008).

A presente pesquisa baseia-se nos postulados da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972], que reconhece a língua como um instrumento social tão heterogêneo quanto às diversas comunidades onde é utilizada. Tal perspectiva teórica entende a língua como um sistema que está intimamente ligado à sociedade que a utiliza no seu dia a dia.

Como este trabalho analisa o comportamento variável de um verbo, para desenvolver este estudo, e objetivando sistematizar o fenômeno aqui investigado, controlamos os fatores sociais: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade; e os fatores linguísticos: permanência, configuração do espaço, grau de definitude, finalidade do discurso e narratividade do discurso.

Em seguida, os dados foram codificados e submetidos ao programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) para análise estatística, a fim de identificar, por meio de percentuais e pesos relativos, as variáveis que possuem maior significância na variação na regência do verbo *ir*.

Com isso, a fim de indicar os percursos que serão seguidos neste artigo, discutiremos as seguintes hipóteses: 1) Considerando que a língua é um instrumento social, passível de mudanças e variações em sua estrutura, esta pesquisa parte da hipótese central de que a variação entre as preposições *a, para e em* não é aleatória e que a preposição *em*, apesar de ser reconhecida gramaticalmente como a forma não-padrão, tem seu uso cada vez mais frequente; 2) Como a presente pesquisa analisa dados de fala, espera-se que a preposição *a*, mesmo sendo considerada padrão pela gramática normativa, apresenta baixa frequência de uso, com base nos estudos de Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008); 3) A forma não-padrão *em* será utilizada por indivíduos menos escolarizados, enquanto as preposições *a e para* são utilizadas por indivíduos que apresentem maior nível de escolaridade e 4) Espera-se que os mais velhos utilizem as preposições *a/para* com maior frequência, por outro lado que os mais novos utilizem mais a forma *em*.

Em suma, procuramos elaborar um trabalho que pudesse contribuir com os estudos linguísticos desenvolvidos no campo da Sociolinguística e com futuras pesquisas na área. Além disso, esperamos contribuir para a descrição do perfil linguístico do capixaba, uma vez que esta é uma comunidade linguística que ainda precisa ser mais analisada. Esperamos, também, que nosso estudo contribua com os já realizados sobre o fenômeno de variação entre as preposições regentes do verbo de movimento *ir*, por se tratar de um fenômeno muito presente no dia a dia dos falantes da Língua Portuguesa.

Fundamentação teórica

Apresentam-se, neste subcapítulo, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística, propostos a partir dos estudos de Labov (2008, [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]). Tal teoria tem por objetivo descrever os padrões de comportamento linguístico, presentes em uma comunidade de fala, considerando, também, o contexto social de produção em que tal comunidade está inserida.

Foi a partir dos estudos realizados por Willian Labov sobre a centralização de ditongos /ay/ e /aw/ no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (1963), localizada no Estado de Massachussets, na Costa Nordeste dos Estados Unidos, e também sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York (1966), analisando a variável /r/, ambos sob a orientação de Uriel Weinreich, que se tornou possível o reconhecimento da sistematicidade e ordenação presente nas variações linguísticas.

Para desenvolver sua pesquisa, realizada em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), Labov buscou analisar a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, uma característica que ocorre com muita frequência na fala dos moradores da ilha de Martha's Vineyard, apesar de não ser muito perceptível para os falantes locais. Para observar tal fenômeno, ele realizou entrevistas que induziam os entrevistados a dizer palavras que possuíam os ditongos /ay/ e /aw/, observando tal ocorrência na fala monitorada, na leitura e em ambientes casuais, dentre eles: ruas, lojas, etc.

Como resultado deste estudo, Labov constatou que a centralização ou não desses ditongos servia como uma maneira de os moradores da ilha de Martha's Vineyard se reafirmarem como nativos diante dos visitantes em massa que iam para o local durante o verão, ou, então, revelava a insatisfação de alguns moradores com a ilha, mostrando até uma possível vontade de deixar o local. Com este estudo, o pesquisador concluiu que os falantes nativos de Martha's Vineyard apresentavam uma postura linguística que reafirmava sua identidade cultural.

Já em seu segundo estudo realizado em 1966, Labov analisou a estratificação do /r/ em vendedores de lojas de departamento localizadas na cidade de Nova York (EUA), de diferentes padrões sociais. Dentre as lojas estavam: 1) Sacks Fifth Avenue, uma loja caracterizada por atender a um público da classe social mais elevada; 2) Macy's, caracterizada por possuir um status social médio e 3) S. Klein, que atendia ao público que apresentava poder socioeconômico inferior ao das demais lojas investigadas. Nesse estudo, para observar a ocorrência do /r/ pós-vocálico nas três lojas, Labov adotou o seguinte procedimento:

[...] o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: ‘por favor, onde ficam os sapatos femininos?’, a resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’) (LABOV, 2008 [1972], p. 70).

Como resultado para sua pesquisa, Labov constatou que os vendedores da Loja Sacks apresentavam altos valores de /r/, os entrevistados da loja Macy’s apresentavam valores intermediários, enquanto os da loja S. Klein foram os mais baixos. Diante dos resultados encontrados nesse estudo, Labov observou um comportamento diferenciado nas comunidades analisadas. Para o autor,

[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (LABOV, 2008 [1972], p. 85).

Os estudos realizados por Willian Labov em 1963 e 1966 mostraram que é possível estudar a variação e a mudança linguística, além de propor uma nova concepção de língua pautada na heterogeneidade, diferentemente da concepção adotada anteriormente pelo Estruturalismo e Gerativismo, modelos teóricos propostos que consideravam a língua uma estrutura homogênea. Para Labov (2008[1972], p.13-14),

...existiam barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949: 124). Este princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933: 364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958: 457). O estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX.

Com isso, os estudos desenvolvidos por Labov e as discussões apresentadas, posteriormente, no livro *Empirical foundations for a theory of language change* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, [1968]) trouxeram uma diferente concepção de língua, reconhecida como instituição social, impossível de ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto em que está inserida.

A Sociolinguística representa um novo foco para os estudos linguísticos, rompendo com a noção de estrutura e homogeneidade difundida até então pelo Estruturalismo. Diferentemente de Saussure, que tinha como objeto de estudo a estrutura homogênea da língua, Labov, em suas pesquisas, enfatiza a importância da heterogeneidade pautada na língua em uso.

Com a mudança de foco do objeto de estudo, baseando-se na sistematicidade e reconhecendo a existência da heterogeneidade linguística, a Sociolinguística rompe com a proposta defendida pelos formalistas até a primeira metade do século XX. Neste período, as discussões relacionadas aos estudos linguísticos não consideravam as variações existentes na língua, pois eram tidas como algo “abstrato”, difícil de ser controlado e estudado. Ou seja, até a metade do século XX, a influência social sobre a língua não era objeto de estudo nas pesquisas linguísticas. Sobre esta questão, Lucchesi (2004, p. 157) afirma que

[...] o modelo teórico estruturalista não podia incorporar como objetos de sua reflexão sistemática nem a prática linguística concreta, nem o processo sócio-histórico de constituição da língua. Baniam-se, desse modo, todas as questões relativas ao caráter social e histórico da língua dos principais cenários teóricos da ciência da linguagem.

Pode-se dizer que até a primeira metade do século XX, os linguistas tratavam a língua como algo homogêneo que se encerrava em si mesmo. Porém, “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto sua estrutura muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35). Entender como a língua funciona enquanto sua estrutura muda é a principal questão que a Teoria da Variação e Mudança Linguística propõe. Ao reconhecer a existência de uma língua heterogênea, afirma-se que tal heterogeneidade faz parte da competência linguística de cada falante. Dessa maneira, a noção de “variação livre”, difundida até então, é questionada e passa-se a considerar a variação presente na própria língua e seus contextos linguísticos e extralinguísticos como forma de descrição e análise desse fenômeno. Em suma, a Sociolinguística apresenta-se como uma teoria que busca entender e analisar a sistematicidade e a regularidade dentro das variações presentes na língua.

Com o surgimento da abordagem proposta pela Sociolinguística, abandona-se a análise da língua do indivíduo, passando-se a considerar, então, a língua do grupo social no âmbito de uma comunidade de fala. Com isso, esta teoria apresentou um novo modo de olhar e analisar a língua por meio das variações linguísticas, existentes graças a pressões internas e externas à língua.

Dessa forma, na definição de Labov (2008, [1972], p.313), um fenômeno linguístico encontra-se em variação quando apresenta duas ou mais formas de ser expresso no mesmo contexto, conservando seu significado referencial, denominadas variantes ou variáveis dependentes.

Para exemplificar tal conceito, tem-se o fenômeno analisado neste estudo, a regência variável do verbo *ir* com sentido de movimento. Nesse fenômeno, o verbo *ir* pode ser utilizado com três preposições diferentes como regentes, analisadas nesta pesquisa: *a*, *para* e *em*. Dessa forma, encontramos na Língua Portuguesa os seguintes exemplos, retirados do *corpus* analisado:

- (1) Quando eu levantei da cama assim pra **ir ao** médico ... depois de 2 meses assim ... que eu nem olhava no espelho ... de tão ruim que eu tava (Ensino Superior, Mulher, 26-49 anos)
- (2) A minha mãe começou a **ir na** igreja atual dela que é Maranata ... começou a ir ... eu comecei a ir também (Ensino Superior, Homem, 26-49 anos)
- (3) Eles me pegaram com cuidado e me colocaram no carro ... até o fim do {luto} ... aí ... depois **fui pro** Hospital das Clínicas (Ensino Fundamental, Homem, 15-25 anos)

De acordo com a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, o fenômeno em variação, neste caso a regência do verbo de movimento *ir*, é tido como *variável dependente*, pois suas variantes não são empregadas de forma aleatória. Já suas diferentes e possíveis formas de ocorrência no contexto, no exemplo, as preposições *a*, *para* e *em*, são consideradas *variantes* desse fenômeno.

Um dos objetos de estudo da Sociolinguística Variacionista é justamente entender e analisar os principais fatores que motivam as variações linguísticas ou mais especificamente o uso de cada uma das variantes. Essa teoria nos mostra que tais variações não podem ser vistas apenas como algo que “surge do acaso”. Ao contrário disso, as variações linguísticas devem ser tratadas como fenômenos linguísticos, que ocorrem graças a fatores estruturais (variáveis internas da língua) e a fatores sociais (cf. LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006).

Dessa forma, o fenômeno que apresenta variação, também chamado de variável dependente, sofre influência de variáveis independentes (ou grupo de fatores) que podem ser internas ou externas à língua. São consideradas variáveis independentes de natureza linguística, fatores ligados à semântica, sintaxe, morfologia e discurso. Já as variáveis de natureza extralinguística ou social dizem respeito, por exemplo, à escolaridade, faixa etária, sexo/gênero e localidade do falante. Com isso, entendemos que as variáveis independentes “podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos” (MOLLICA, 2003, p. 11). Tais variáveis podem influenciar os contextos em que as variantes estão presentes, favorecendo ou desfavorecendo seu uso.

A Sociolinguística admite que a variação e a mudança só se revelam em sua sistematicidade quando se considera o contexto social em que a língua é usada, analisando a estrutura e a

evolução da língua a partir de sua interação com a sociedade. Não é possível, então, conceber a mudança linguística sem que ela reflita um estado de variação, assim como a variação é sempre um gatilho para uma possível mudança, ou seja, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação. Sobre essa questão, Tarallo (1986, p. 10) afirma que

A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado da variação anterior, como resolução de morte para uma das variantes.

A partir da discussão apresentada acima, podemos entender que a Teoria Sociolinguística preocupa-se, principalmente, com o processo de interação presente na sociedade e busca identificar os possíveis fatores que possam motivar ou influenciar o surgimento de fenômenos variáveis a fim de ordenar o processo de variação.

O estudo pioneiro de Mollica

No Brasil existem diversas pesquisas que apontam a variação das preposições *a*, *para* e *em* introduzindo o complemento locativo do verbo de movimento *ir*. O primeiro trabalho realizado sobre este tema foi desenvolvido por Cecília Mollica, em 1996, que analisou a variação no emprego da regência deste verbo no *corpus* Censo do Rio de Janeiro com falantes cariocas com até o 2º Grau completo. Este trabalho constatou que a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* ocorre e, para isso, depende de fatores sociais, além de fatores de natureza morfosintáticos e semânticos presentes no complemento locativo do verbo *ir*.

Em seu estudo, Mollica (1996) analisou as ocorrências com o verbo *ir* indicando movimento, objetivando entender quais são os condicionadores que favorecem a variação entre as preposições regentes deste verbo, buscando sempre opor as preposições *a* e *para*, consideradas padrões pelas gramáticas tradicionais, e a preposição *em*, tida como não padrão por estas mesmas gramáticas. Com isso, foram controladas apenas as formas em que o verbo *ir* indica movimento e apresenta complemento circunstancial, representado na forma de um sintagma preposicionado.

Em seu estudo, Mollica (1996) considerou as seguintes hipóteses: 1) O emprego variável da regência verbal não é aleatório, o que torna possível seu estudo numa perspectiva variacionista; 2) Na fala carioca, os empregos de *a/para versus em* têm condicionamentos específicos; 3) Sendo ambas consideradas padrão, mas com percentual de uso bem distinto, deve haver uma hierarquia entre *a* e *para*, numa escala em que *a* seja considerada mais padrão que *para*, e uma terceira forma *em*, não-padrão.

Para esse estudo, foram controladas variáveis linguísticas e sociais. Em relação às variáveis sociais, a autora considerou importante investigar a influência dos fatores: escolaridade, faixa etária e sexo. Já em relação às variáveis linguísticas, a autora considerou pertinente analisar características morfossemânticas referentes ao locativo do verbo *ir* de movimento. Para tanto, foram consideradas as variáveis linguísticas: permanência, configuração do espaço e grau de definitude.

Como o presente artigo discute a influência das variáveis sociais presentes na regência do verbo de movimento *ir*, torna-se relevante apontar, mesmo que brevemente, os resultados obtidos por Mollica (1996), em seu estudo, para as variáveis extralinguísticas. Em sua pesquisa, a autora observou que há diferenças entre a escolaridade e a escolha da preposição como regente do verbo *ir*, sendo a preposição *em* favorecida pelos alunos do primário e ginásio, enquanto os alunos do segundo grau favorecem as formas padrão *a* e *para*. Quando combinadas as variáveis sociais sexo e escolarização, constatou-se que “as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início à pressão escolar” (MOLLICA, 1996, pag. 287).

Quanto ao fator social faixa etária, a autora constatou que a escolha da preposição regente do verbo de movimento *ir* também está relacionada a este fator, apesar de as crianças apresentarem uma tendência maior de uso das formas padrão do que os jovens de 15 a 25 anos. Além disso, quando analisados os resultados dos dois sexos separadamente, percebe-se que os meninos, comparados com as meninas, favorecem ligeiramente o uso das formas consideradas padrão. Entretanto, esta situação sofre mudança na faixa etária que corresponde aos falantes de 26 a 49 anos, pois as mulheres passam a sobrepujar os homens. Apesar disso, os dois grupos chegam a velhice com resultados empatados.

Procedimentos metodológicos

Os dados utilizados para a realização desta pesquisa foram extraídos da Amostra PortVix, projeto organizado e coordenado, no início dos anos 2000, pela Professora Doutora Lilian Coutinho Yacovenco, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em parceria com as Professoras Doutoras Maria da Conceição Paiva e Christina Abreu Gomes, ambas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul/RJ), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Este projeto busca estudar os fenômenos linguísticos presentes na fala de Vitória-ES, uma vez que “a identidade linguística do capixaba não é fenômeno sobre o qual se tenha grande conhecimento” (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 772). O quadro abaixo mostra a distribuição de acordo com as células sociais consideradas neste banco de dados.

Tabela 1: Distribuição dos entrevistados do PortVix de acordo com as variáveis sociais

Faixa etária	07-14		15-25		26-49	50 ou +			Total de falantes
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio			3	3	2	2	2	2	14
Ensino Superior			2	2	2	2	2	2	12
Número total de falantes entrevistados									46

Fonte: (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 777)

A amostra PortVix é composta por 46 entrevistas distribuídas por faixa etária, gênero/sexo e escolaridade dos informantes. A seleção dos informantes atendeu ao critério básico de serem naturais de Vitória-ES e, preferencialmente, filhos de pais também capixabas, além de terem sempre morado nessa cidade (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 776).

Em relação ao desenvolvimento deste estudo, investigamos variáveis independentes, de natureza linguística e extralinguística, a fim de observar sua possível relevância/influência em relação à variação entre as preposições *a*, *para* e *em* regendo o verbo *ir* com sentido de movimento. Baseando-se nas propostas das pesquisas desenvolvidas anteriormente sobre este fenômeno, em várias regiões do Brasil, selecionamos para este estudo as seguintes variáveis independentes: grau de definitude, configuração do espaço, finalidade do discurso, narratividade do discurso e permanência. Já as variáveis extralinguísticas controladas foram sexo/gênero, faixa etária e escolaridade³.

Desenvolver estudos de caráter quantitativo sobre fenômenos que apresentam variação linguística possibilita ao pesquisador entender questões envolvendo o encaixamento linguístico e social, além da sistematicidade do fenômeno. Sobre esta metodologia, entendemos que “o uso de métodos estatísticos tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma entre tantas outras.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Para tratarmos quantitativamente os dados de fala sobre a regência variável do verbo *ir* indicando movimento, retirados da amostra PortVix, realizamos o processo de codificação e análise dos dados estatísticos através do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece os percentuais e a frequência de cada variável independente, permitindo identificar os possíveis contextos de cada uma das variantes investigadas.

3 O estudo desenvolvido para a dissertação de Mestrado intitulada “A regência variável do verbo de movimento *ir* na cidade de Vitória – ES ” buscou controlar em sua análise como se comportaram as variáveis linguísticas: grau de definitude, configuração do espaço, finalidade do discurso, narratividade do discurso e permanência. Entretanto, para o presente artigo, decidimos apresentar apenas a análise que obtivemos para os fatores sociais, uma vez que os resultados nos mostraram que a variação desse fenômeno está fortemente relacionada com os fatores extralinguísticos.

O pacote Varbrul é formado por um conjunto de programas que realizam análises multivariadas, especificamente dados de variação sociolinguística. O programa estatístico GoldVarb X é utilizado para analisar variáveis linguísticas, possibilita a contagem dos dados, mostra o comportamento das variantes de acordo com os grupos de fatores analisados e aponta os percentuais de cada uma delas. Sobre esse processo de análise, Guy e Zilles (2007, p. 105) destacam que esse programa

Permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.

O programa também fornece resultados referentes ao peso relativo obtido para cada variável, ou seja, dados que representam o índice de aplicação da variante dependendo do contexto em que ela está inserida. Vale salientar que a análise estatística do fenômeno estudado apresentará os resultados que indicarão os contextos que favorecem, ou inibem, cada uma das preposições investigadas nesta pesquisa.

Análise geral dos resultados

Foram encontradas 591 ocorrências do verbo de movimento *ir* com as preposições *a*, *para* e *em*, nas 46 entrevistas analisadas do PortVix. Inicialmente, procuramos determinar a frequência das variantes *a*, *para* e *em*, objeto de estudo em tela, buscando traçar um panorama geral das ocorrências de cada uma delas.

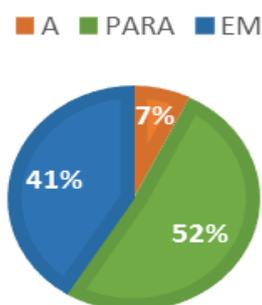
Tabela 2: Resultado geral das ocorrências das preposições *a*, *para* e *em* nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix.

	A	PARA	EM	TOTAL
Nº	45	304	242	591
%	7.6%	51.4%	40.9%	100%

Fonte: (CITELI, 2017, 63)

Dentre as ocorrências, observamos 304 utilizando a preposição *para*, o que corresponde a 51.4%, o maior índice de uso das três preposições, seguido de 242 ocorrências utilizando a preposição *em*, o que corresponde a 40.9% dos dados e 45 ocorrências utilizando a preposição *a*, número esse que corresponde a 7.6 % de todos os dados. O gráfico abaixo ilustra a distribuição geral das preposições *a*, *para* e *em* nas entrevistas da amostra PortVix.

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências das preposições *a*, *para* e *em* nos verbos de movimento *ir* na amostra Portvix



Fonte: (CITELI, 2017, 63)

Podemos observar, a partir dos dados apresentados no gráfico acima, que a variante *para* apresentou o maior índice de ocorrência comparado às variantes *em* e *a*. Apesar disso, vale ressaltar que a preposição *em* também apresentou um alto índice de ocorrências, mesmo sendo considerada não-padrão e seu uso não sendo recomendado pela gramática tradicional⁴. Tal índice corresponde à nossa hipótese inicial de que essa preposição seria utilizada com bastante frequência nos dados de fala analisados da comunidade capixaba.

Após realizarmos essa primeira rodada ternária, com o intuito de observar o comportamento de cada uma das variantes analisadas neste estudo, realizamos uma rodada binária, tendo em vista que o programa GoldVarbX só permite selecionar grupos de fatores estatisticamente significativos e gerar pesos relativos em rodadas binárias (GUY; ZILLES, 2007, p. 141-148). A fim de utilizarmos os resultados apresentados neste artigo para confrontar com os estudos de variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, como regentes do verbo de movimento *ir*, desenvolvidos em outras regiões do país, realizamos uma rodada da forma não-padrão *em versus* as formas padrões *a/para*. Ao controlarmos estatisticamente cada uma das variáveis observadas neste estudo, podemos, então, identificar quais são os contextos que favorecem ou inibem o uso de cada uma delas.

Análise das variáveis linguísticas e sociais

Este subcapítulo está dividido em duas seções que correspondem, respectivamente, à discussão sobre o traço de permanência nos verbos de movimento *ir* e à apresentação dos resultados referentes à rodada binária entre a forma não-padrão *em versus* as formas gramaticalmente consideradas padrões *a/para*, apontando, inclusive, as variáveis independentes selecionadas como estatisticamente relevantes e os cruzamentos realizados entre diferentes variáveis sociais.

4 Segundo (Bechara 2009, p. 451) “diz-se regência, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição”. Em relação à regência do verbo de movimento *ir*; o autor cita a necessidade das preposições *a* ou *para* junto à expressão de lugar. Já quanto ao uso da preposição *em* o autor adverte que se deve evitar construções do tipo “fui **na** cidade”.

O caso da variável linguística “*Permanência*”

A fim de saber se os falantes ainda preservam a recomendação da gramática tradicional em relação ao uso da preposição *para*, indicando maior permanência no local, controlamos os dados em dois traços linguísticos [+ Permanência] e [- Permanência].

[+ Permanência]: Serão considerados [+ permanência] os dados que apresentam ideia de fim ou maior permanência no local.

(04) “Porque tem amiga... uma amiga e um amigo que mora ali:...te:m... tem os meus amigos que moravam aqui que **foram pros Estados Unidos...**”(Ensino Fundamental, Homem, 07 a 14 anos)

[- Permanência]: Serão considerados [- permanência] os dados que indicam que a ida ao locativo é só para certo fim, ou seja, contextos em que há ideia de retorno.

(05) “É assim..eu fazia bem assim.. porque eu não tomo café da manhã pra ir **pra escola...** fico até meio dia sem comer nada... aí quando eu chego da escola eu almoço ... quando chego da escola... chego em casa eu almoço... fico até quatro horas sem comer nada... faço o meu lanche... e num janto... pronto” (Ensino Fundamental, Mulher, 07 a 14 anos).

Em relação à variável linguística investigada *Permanência*, assim como Mollica (1996), resolvemos testá-la a fim de verificar a incidência do traço [+ permanência] previsto nas gramáticas tradicionais como destinado à preposição *para*. Para verificar se os falantes ainda preservam esta regra, os dados analisados em que as preposições *a*, *para* ou *em* foram utilizadas como regente do verbo de movimento *ir* foram submetidos à codificação por meio dos traços [+ permanência] ou [- permanência]. O resultado abaixo indica a frequência de uso dessa variável independente na amostra analisada.

Tabela 3: Distribuição da variável independente [+permanência] / [-permanência] entre as preposições *a*, *para* e *em* nos verbos de movimento *ir* na amostra Portvix

	A		PARA		EM	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
[+Permanência]	0/17	0%	17/17	100%	0/17	0%
[-Permanência]	45/574	7.8%	287/574	50%	242/574	42.2%

Fonte: (CITELI, 2017, 65)

Observando os resultados expressos na tabela 3, podemos constatar que a regra registrada em muitas gramáticas tradicionais de que a preposição *para* deva acompanhar o verbo de movimento *ir* quando há ideia de maior permanência no local continua muito presente na fala da comunidade de Vitória/ES. Tal afirmação pode ser feita pois constatamos que enquanto para o traço [- permanência] houve variação entre a escolha das três preposições *a*, *para* e *em*, a recomendação gramatical prevaleceu em 100% dos casos em que tivemos o uso da preposição

para indicando [+ permanência], o que indica que a presença deste traço é condição suficiente para o uso absoluto da preposição *para*.

Diante dos resultados apresentados para o traço [+ permanência], em que constatamos que não houve variação na escolha da preposição, uma vez que a preposição *para* foi a utilizada em 100% dos casos, foi necessário retirar os dados que indicavam [+ permanência] da rodada de pesos relativos, uma vez que a presença destes dados na análise dos efeitos para o entendimento da variação pode influenciar, ou até mesmo falsear, os resultados de outros grupos de fatores.

Abaixo a nova distribuição geral das preposições *a*, *para* e *em* nas entrevistas da amostra após retirarmos os dados que indicavam ideia de [+ permanência], pois não apresentavam variação.

Tabela 4: Resultado geral das ocorrências das preposições *a/para* e *em* nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix sem os dados de [+ permanência]

	A	PARA	EM	TOTAL
Nº	45	287	242	574
%	7.8%	50%	42.2%	100%

Fonte: (CITELI, 2017, 66)

Resultados da rodada das preposições *em* versus *a/para*

Para analisarmos a variação entre a forma não-padrão *em* versus as formas gramaticalmente consideradas padrões *a/para*, controlamos variáveis linguísticas e extralinguísticas.

No quadro 1, apresentamos as variáveis independentes controladas nesta rodada e as selecionadas, marcadas em negrito, pelo programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes.

Quadro 1: Variáveis independentes controladas e selecionadas, marcadas em negrito, na variação *em* versus as formas padrões *a/para* na amostra PortVix.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS SOCIAIS
Grau de definitude	Faixa etária
Configuração do espaço	Sexo/gênero
Finalidade do Discurso	Escolaridade
Narratividade do Discurso	

Fonte: (CITELI, 2017, 78)

Vale salientar que nessa rodada foram selecionadas apenas variáveis sociais, faixa etária e escolaridade, nessa ordem, como estatisticamente relevantes. A rodada apresentou grau de significância de 0.016, um valor bem interessante (GUY; ZILLES, 2007). O fato de apenas as variáveis sociais faixa etária e escolaridade terem sido selecionadas indica que essa variação está fortemente relacionada com os fatores extralinguísticos.

Para a variável faixa etária, estamos considerando a hipótese de que os informantes mais velhos utilizam as preposições *a/para* com maior frequência, justamente por se tratar de formas reconhecidas pela tradição gramatical; enquanto os informantes mais novos utilizam a preposição *em*, tendo em vista que esta preposição é considerada a forma inovadora como regente do verbo de movimento *ir*. A tabela 5 apresenta os resultados obtidos para a variável independente faixa etária, na rodada entre as preposições *em* versus *a/para*.

Tabela 5: Influência da variável faixa etária na escolha da preposição *em* versus *a/para* nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix

Faixa Etária	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
07-14 anos	49/91	53.8 %	0.55
15-25 anos	73/201	36.3 %	0.44
26-49 anos	69/132	52.3 %	0.60
50 ou +	51/150	34 %	0.44

Fonte: (CITELI, 2017, 79)

Os resultados apresentados acima, comparando o uso da forma não-padrão *versus* o uso das formas reconhecidas como padrão, pela gramática normativa, reafirmam a existência de fluxos e contrafluxos na análise, uma vez que o resultado não é crescente nem decrescente em relação à faixa etária dos falantes investigados.

Os pesos apresentados acima para cada uma das faixas etárias também confirmam o fato de que o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir*, com sentido de movimento, tem sua frequência reduzida pelos falantes entre 15-25 anos e com 50 anos ou mais. Em relação ao peso relativo 0.44, obtido para esse fator, acreditamos que pode estar correlacionado com a função social que a escola exerce, como promotora das normas recomendadas pela tradição gramatical e, conseqüentemente, pelos falares típicos dos setores mais intelectualizados da sociedade.

Assim como o resultado encontrado para o grupo de falantes entre 15-25 anos, o peso relativo 0.44 obtido para os falantes que possuem faixa etária equivalente a 50 anos ou mais demonstra também que essa faixa etária inibe o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento. Em relação a esse resultado, acreditamos que indica que os falantes mais velhos ainda conservam as formas reconhecidas como “padrões” pela tradição gramatical.

Para o grupo de fatores escolaridade, nossa hipótese é a de que as preposições *a/para*, consideradas como formas padrões, seriam mais utilizadas por falantes que possuíssem maior grau de escolaridade, da mesma maneira que a preposição *em* seria empregada com maior frequência por informantes que apresentassem menor nível de escolaridade. Abaixo serão apresentados os resultados encontrados para essa variável independente na rodada entre as preposições *em* versus *a/para*.

Tabela 6: Influência da variável escolaridade na escolha da preposição *em* versus *a/para* nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix

Escolaridade	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Fundamental	112/217	51.6%	0.57
Médio	73/173	42.2%	0.51
Superior	56/178	31.5%	0.39

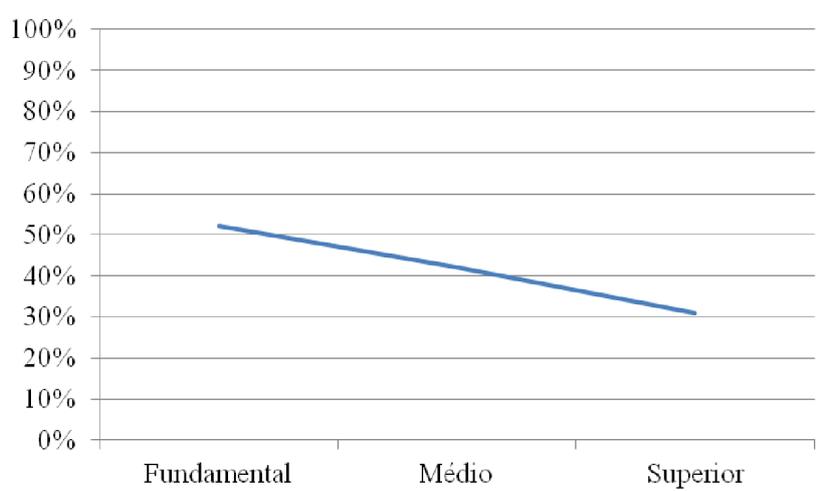
Fonte: (CITELI, 2017, 80)

Os resultados acima reafirmam a importância da variável social escolaridade para analisar fenômenos considerados não-padrão pela gramática normativa. De acordo com os pesos relativos apresentados para cada nível de escolaridade, percebe-se o decréscimo na frequência de uso da preposição *em*, enquanto o grau de escolaridade aumenta. Ou seja, quanto maior é o nível de escolaridade do informante, menor é a frequência de uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*.

Tal afirmação pode ser feita, pois os estudantes que possuem apenas o nível Fundamental apresentaram peso relativo de 0.57, o que favorece o uso da variante *em* como regente do verbo de movimento *ir*, ao passo que quando o nível de escolaridade dos informantes aumenta, esse uso diminui, como pode ser constatado através dos pesos atribuídos aos estudantes que possuem Ensino Médio, de 0.51, e aos estudantes de nível Superior, com 0.39, menor peso relativo, o que indica que este nível de escolaridade inibe o uso dessa preposição.

O gráfico 2 mostra o comportamento desta variável social quanto ao uso da preposição *em* nos diferentes níveis de escolaridade da amostra PortVix. Estes resultados confirmam o que foi proposto por Mollica (1996, p. 285), ao afirmar que “a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*a* e *para*), em detrimento da variante não-padrão (*em*)”.

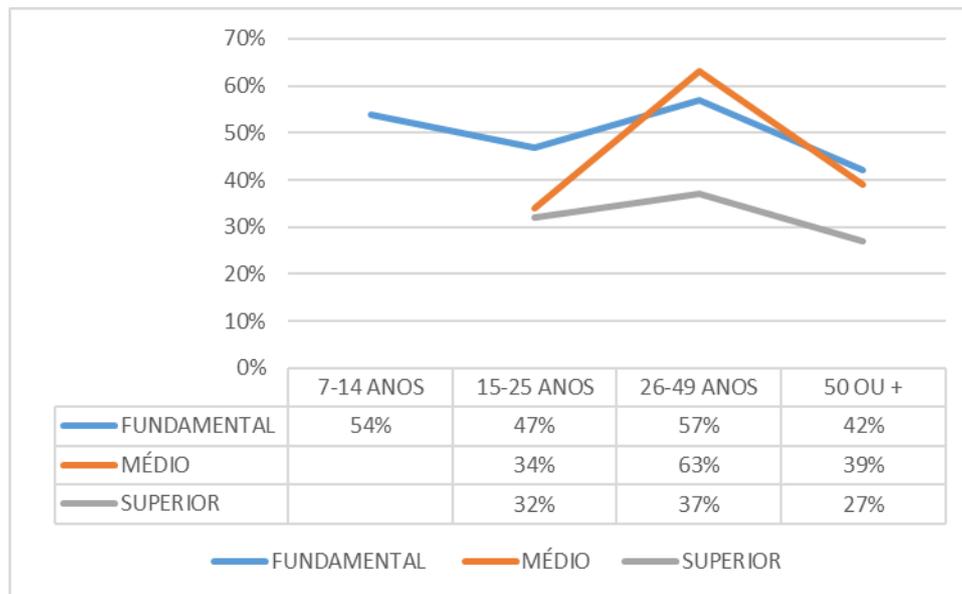
GRÁFICO 2: Comportamento da variável social escolaridade no uso da preposição *em* versus *a/para* nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix



Fonte: (CITELI, 2017, 81)

Sabe-se da grande importância das hipóteses clássicas labovianas para as variáveis sociais sexo/gênero, escolaridade e faixa etária (LABOV, 2008 [1972]). Devido ao fato de na rodada entre as preposições *em* versus *a/para* serem selecionadas como estatisticamente relevantes apenas variáveis sociais, podemos destacar a importância dessas variáveis para a análise do fenômeno em questão. Em decorrência, decidimos, ainda, realizar um cruzamento entre as variáveis sociais, faixa etária e escolaridade para observar o comportamento da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*. Além disso, é importante para uma análise variacionista avaliar a relação de diferentes variáveis sociais combinadas, para observar o comportamento dessas em relação ao fenômeno discutido.

Gráfico 3: Uso da preposição *em* nas faixas etárias e níveis de escolaridade nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix



Fonte: (CITELI, 2017, 82)

O gráfico 3 nos mostra o comportamento da relação entre as variáveis sociais faixa etária e escolaridade com falantes da cidade de Vitória/ES. Podemos observar que os indivíduos entre 07-14 anos, que estão no nível Fundamental⁵ utilizam a preposição *em*, como regente do verbo de movimento *ir*, com mais frequência do que as preposições *a* e a preposição *para*, ambas recomendadas pela gramática normativa. Nota-se que, ao passo que tais indivíduos se tornam mais escolarizados, a frequência de uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* diminui, como podemos observar entre os indivíduos de 15-25 anos, que passam do nível Fundamental para o nível Médio.

Esse mesmo comportamento pode ser observado entre os indivíduos que possuem 50 anos ou mais. Assim como os menos escolarizados preferem utilizar a preposição *em* como

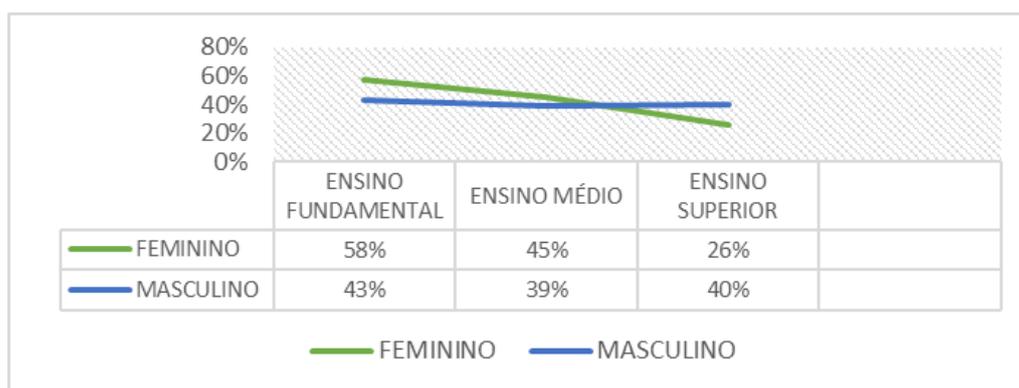
⁵ Na faixa etária de 07 a 14 anos, o PortVix possui apenas participantes no Ensino Fundamental, tendo em vista que no Brasil não é comum indivíduos nessa faixa etária estarem no Ensino Médio e impossível estarem no Ensino Superior.

regente do verbo de movimento *ir*, os mais escolarizados utilizam tal preposição com menor frequência. Tal comportamento ratifica a hipótese clássica de Labov (2008 [1972]) para a variável social escolaridade ao afirmar que o uso da variante padrão tende a estar associado ao grau de escolaridade do informante (VOTRE, 2012).

A fim de analisar melhor a influência das variáveis sociais no fenômeno de variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, estudado neste artigo, realizamos um cruzamento entre as variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade, para determinar a frequência de uso da preposição *em* tanto no sexo/gênero feminino, quanto no masculino e, assim, verificar se estes grupos de fatores sociais, quando combinados, influenciam na escolha da preposição *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento.

O gráfico 4 apresenta os resultados encontrados após realizarmos o cruzamento entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade. Vale ressaltar que nesta rodada estamos analisando a preposição *em*, considerada não-padrão pela tradição gramatical, *versus* as preposições *a* e *para*, reconhecidas gramaticalmente como formas padrões.

Gráfico 4: Uso da preposição EM nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade nos verbos de movimento *ir* na amostra PortVix



Fonte: (CITELI, 2017, 83)

Esses resultados nos mostram que o sexo/gênero feminino apresenta um comportamento diferente em relação à escolha da preposição *em*, como regente do verbo de movimento *ir*, de acordo com o grau de escolaridade que possui. Podemos observar que quanto menor é o grau de escolaridade, maior é a frequência de uso da preposição *em*, ao passo que quanto maior é o nível de escolaridade, menor é a frequência de uso dessa preposição. No sexo/gênero masculino não há uma variação tão marcada em relação ao uso da preposição *em*, quando correlacionado com o nível de escolaridade. Para esse tipo de comportamento, segundo Paiva (2013, p. 40)

(...) a maior consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social.

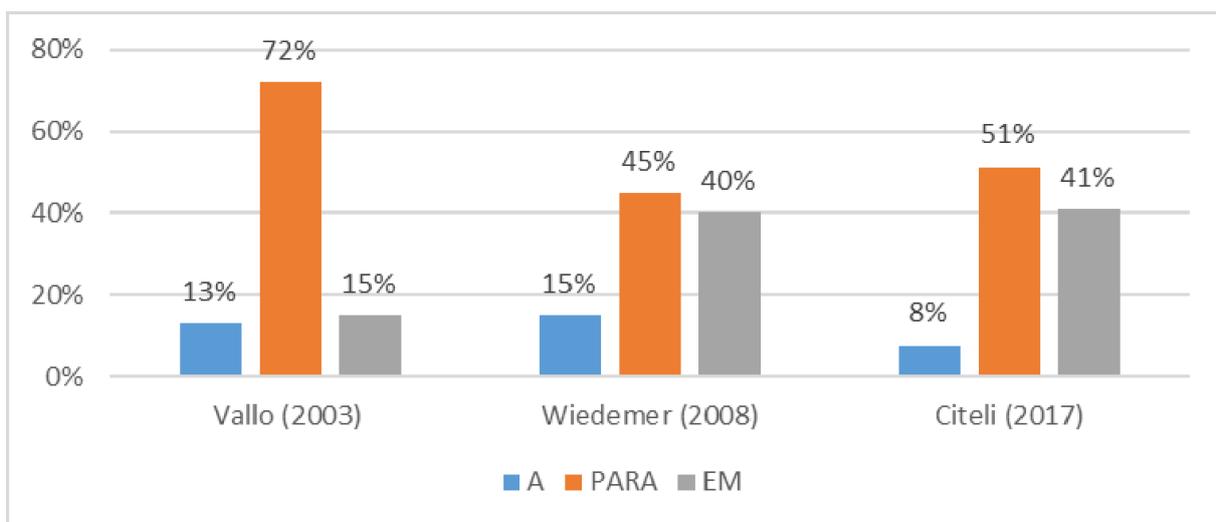
Também podemos observar que a preocupação do sexo/gênero feminino em não utilizar a forma considerada não-padrão pela gramática normativa aumenta junto com o seu nível de escolaridade. Ou seja, há uma relação entre o nível de escolaridade do sexo/gênero feminino com a preocupação em utilizar mais a forma padrão como regente do verbo de movimento *ir*, justamente pelo fato de que sua posição na sociedade está menos assegurada do que a dos homens.

Dessa maneira, o cruzamento entre as variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade nos permite fazer uma descrição mais completa e interpretações mais adequadas do processo de variação entre as preposições regentes do verbo de movimento *ir*. Os resultados acima reafirmam o que a teoria sociolinguística tem apresentado em relação ao comportamento do sexo/gênero feminino diante de fenômenos variáveis, em que temos o favorecimento da forma estabelecida gramaticalmente como padrão.

Comparação dos resultados da comunidade de fala capixaba com de outras comunidades de fala brasileiras

Os resultados encontrados em cada estudo realizado sobre o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir* servem para nos ajudar a entender o comportamento das variantes *a*, *para* e *em*, quando utilizadas como regente do verbo de movimento *ir*, no português brasileiro. A seguir, discutimos os principais resultados obtidos através das variáveis dependentes investigadas em nossa pesquisa (PortVix) e comparamos com os resultados das pesquisas desenvolvidas por Vallo (2003), na comunidade de fala de João Pessoa (VALPB), e Wiedemer (2008), na comunidade de fala de Santa Catarina (VARFUL).

Gráfico 5: Comparação da frequência geral de uso das preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento IR em João Pessoa/PB – VALPB - (VALLO, 2003), em Santa Catarina – VARFUL - (WIEDEMER, 2008) e em Vitória/ES – PortVix - (CITELI, 2017)



Fonte: Baseado em Citeli (2017, 85)

Os resultados apresentados no gráfico 5 nos mostram que em todas as três amostras - VALPB (VALLO, 2003), VARSUL (WIEDEMER, 2008) e PortVix (CITELI, 2017) - a preposição *para* foi a com maior frequência de uso como a forma regente do verbo de movimento *ir*, sendo que, enquanto nas amostras VARSUL e PortVix esse comportamento foi bem semelhante, 45% e 51%, respectivamente, na amostra VALPB essa variante obteve um índice muito maior, 72%. Esses percentuais indicam que, de um modo geral, a preposição *para* é a forma mais utilizada como regente do verbo *ir*, com sentido de movimento, sendo mais favorecida ainda entre os falantes de João Pessoa.

Outra questão que chama bastante a atenção nos percentuais de uso encontrados para as preposições regentes do verbo de movimento *ir* é o índice atribuído à preposição *a* como regente desse verbo. Devemos lembrar que tal preposição é a forma recomendada pela tradição gramatical como regente do verbo de movimento *ir*, entretanto essa forma vem perdendo cada vez mais espaço para as preposições *em* e *para*, como pode ser observado nas diferentes amostras analisadas. Tal afirmação pode ser justificada se observarmos a frequência de 13% atribuída à preposição *a* na amostra VALPB, o que se manteve próxima à frequência dessa mesma preposição na amostra VARSUL, 15%, mas que teve uma queda considerável na amostra PortVix 7.6%. Além de ser a preposição com o menor índice de frequência das três preposições que atuam como regentes do verbo de movimento *ir*, podemos afirmar, também, que a preposição *a* vem perdendo espaço ao longo do tempo se considerarmos que o PortVix é a amostra mais recente das três analisadas acima, desenvolvida no início dos anos 2000, enquanto a amostra VARSUL foi desenvolvida entre 1988 a 1996 e o VALP, em 1993.

Outro fato que chama bastante a atenção nessa comparação entre diferentes amostras é o índice de frequência da preposição *em*, forma gramaticalmente considerada não-padrão que se diferem bastante em termos de frequência de uso. Ao observarmos a frequência dessa preposição nas três amostras, vemos que na amostra de João Pessoa a preposição *em* obteve índice de frequência de apenas 15%, diferente dos percentuais encontrados nas amostras de Santa Catarina e Vitória. Nessas, a preposição *em* mostrou um crescimento na sua frequência de uso, 40% e 40.9% respectivamente, o que também afirma que tal forma está ganhando cada vez mais espaço como preposição regente do verbo de movimento *ir*, mesmo sendo considerada não-padrão.

Ao realizarmos essa comparação entre os percentuais obtidos para cada preposição nas diferentes amostras, podemos perceber que existe uma competição entre as preposições *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir*. Além disso, os percentuais encontrados para a preposição *a* nas diferentes amostras analisadas confirmam o processo em curso de recuo dessa preposição como regente do verbo de movimento *ir* no português brasileiro.

Considerações finais

Levando em consideração as questões discutidas neste artigo, constatamos que a prática linguística, seja individual ou coletiva, está sujeita a regras que atuam diretamente no processo linguístico. Porém, as escolhas do falante, neste caso entre as preposições *a*, *para* ou *em* como regentes do verbo de movimento *ir*, resultam não apenas de um conhecimento abstrato de uma determinada norma, mas também da sua inserção na sociedade.

Os resultados nos mostraram que a preposição *para* obteve a maior frequência de uso nas entrevistas analisadas do PortVix, com 50% dos dados, enquanto a preposição *em* obteve frequência de 42.2%, o que também demonstra um comportamento interessante em relação ao uso desta preposição, visto que é tida pelas gramáticas normativas como a forma não-padrão. Já a preposição *a*, recomendada pelas gramáticas normativas como regente do verbo de movimento *ir*, obteve frequência de apenas 7.8% em toda a amostra, o que indica que esta preposição está sendo usada cada vez menos pelos moradores desta comunidade.

Constatamos também que a preposição *para*, quando utilizada com o traço [+permanência], prevaleceu em 100% dos dados obtidos, o que nos mostra que a regra de que a preposição *para* deva acompanhar o verbo de movimento *ir* em contextos que apresentem ideia de maior permanência, prescrita em muitas gramáticas normativas, continua muito viva na fala dos moradores da comunidade capixaba.

Em relação à variável social selecionada – faixa etária, nossa hipótese era a de que os informantes mais jovens utilizariam a preposição *em* com maior frequência, enquanto os informantes mais velhos utilizariam a preposição *para*. Os resultados obtidos para esta variável social apontaram um comportamento parcialmente diferente do que esperávamos, visto que as faixas etárias 07 a 14 anos e 26 a 49 anos favoreceram o uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, enquanto as faixas etárias 15 a 25 anos e 50 anos ou mais inibiram o uso dessa preposição. Entendemos que, neste caso, a baixa frequência de uso da preposição *em* entre os indivíduos de 15 a 25 anos pode ser justificada se considerarmos o seu grau de escolaridade, pois é nesta faixa etária que, geralmente, eles estudam o conteúdo de regência dos verbos, considerando que tal conteúdo é ministrado no último ano do Ensino Fundamental II e último ano do Ensino Médio. Neste caso, o contato com a norma pode estar influenciando o uso da forma padrão como regente do verbo *ir* com sentido de movimento. Enquanto os resultados encontrados entre os indivíduos de 26 a 49 anos, inseridos, em sua maioria, no mercado de trabalho, nos levam a pensar que talvez a preposição *em* não sofra tanto estigma pela sociedade, comparada a outras formas como, por exemplo, ausência de concordância

Nosso trabalho foi realizado a fim de traçar um panorama linguístico sobre a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir* na fala da comunidade capixaba, visto que este é um fenômeno muito presente no português brasileiro. Esperamos

que nossa pesquisa possa contribuir com os estudos sobre a regência do verbo de movimento *ir* e com os estudos desenvolvidos na área da Sociolinguística Variacionista, reafirmando que a variação linguística é um reflexo dos contextos linguísticos e sociais em que está inserida.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CITELI, B. G. *A regência variável do verbo de movimento ir na cidade de Vitória-ES*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, M. C. de M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, A. J. C. R. *Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986

VALLO, M. A. G. do. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense*. João Pessoa: UFPA. João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Letras) do Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

VOTRE, J. S. Relevância da variável escolaridade. In: ____; BRAGA, Maria L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].